

INVENTÁRIO DIGITAL DE TERMOS, NOÇÕES E CONCEITOS EM DISCURSO E MÍDIA: PERCURSOS DE/EM CONSTRUÇÃO

Fernanda Lunkes¹

Ceres Carneiro²

Desde 2022, compomos a equipe do projeto de pesquisa intitulado “Inventário digital de termos e conceitos em discurso e mídia”, que tem fomento concedido por meio do Edital Universal 2021-CNPq e está vinculado ao grupo de pesquisa MiDi - Mídia e(m) Discurso³, do qual fazemos parte. No presente trabalho, apresentamos alguns resultados alcançados a partir de mais um movimento da pesquisa em curso. A fim de conduzir nossas reflexões sobre a constituição desse Inventário, mobilizaremos, sobremaneira, a noção de arquivo, tão cara para a Análise de Discurso de base materialista, a qual nos filiamos teórica e metodologicamente, pois assumimos o *Inventário digital de termos e conceitos em discurso e mídia* como um arquivo.

Como nos traz Pêcheux, o arquivo, longe de se restringir a ser “um campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão”, é um “trabalho de **memória histórica** em perpétuo confronto consigo mesma” (2014, p. 59, grifo nosso). É desse ponto que partimos. Nosso movimento de pesquisa se inicia com um levantamento de dissertações e teses de pesquisadoras e pesquisadores brasileiros em Análise do Discurso, publicadas durante as décadas de 1980 e 1990, cujos termos e conceitos apresentados naqueles trabalhos se relacionavam (ou que viriam a se relacionar, em um horizonte de possibilidades, cuja emergência é possibilitada pelas condições de produção) aos estudos sobre discursos midiáticos. Nesse primeiro movimento, organizamos, em forma de índice, essas dissertações e teses. Compreendemos que nesse gesto constituímos a base de um “trabalho do arquivo enquanto relação do arquivo com ele-mesmo em uma série de conjunturas” (Pêcheux, 2014, p. 59).

Nesse sentido, é importante trazer algumas reflexões sobre o *Inventário*, que em sua formulação e circulação, coloca em questão o digital. Com base em Paveau (2014), Dias (2015) trata do discurso digital, em suas palavras, de “materiais produzidos na e para a internet”, como é o caso do *Inventário*. Mobilizar o digital, implica, assim, considerar, conforme a autora, algumas características. Uma delas é a temporalidade, que imprime a atualidade do arquivo digital, já que o “tempo do digital é o do acesso e da circulação” (Dias, 2015, p. 975). Outra característica é a instabilidade do arquivo, o qual se relaciona com a atualização ou indisponibilidade do material disponível. A proposta do *Inventário*, por exemplo, tem como

¹ Doutora em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Sul da Bahia, líder do grupo de pesquisa MiDi – Mídia e(m) Discurso.

² Doutora em Estudos da Linguagem, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, pesquisadora do grupo de pesquisa MiDi – Mídia e(m) Discurso.

³ Ressaltamos que a pesquisadora e professora Silmara Dela Silva (UFF), ainda que não tenha participado diretamente de nossa apresentação no simpósio “Discursos, sujeitos, materialidades”, é coordenadora desse Projeto.

investimento marcado sua abertura a trabalhos posteriores que mobilizam as noções e conceitos disponibilizados, sinalizando para a necessidade de atualização, deslocando justamente o imaginário de estabilidade do arquivo. A dimensão e heterogeneidade do arquivo constitui outra característica, relacionada à “infinitude de textos na internet” (Dias, 2015, p. 975), à paráfrase. Também a autoria é uma característica, a qual se coloca fortemente para a equipe do Projeto, sobretudo em seus aspectos procedimentais. Assumindo de saída uma prática de escrita feita a muitas mãos, têm-se, de um lado, um arquivo, cuja escrita dos verbetes não trazem um ou mais autores em relevo e que, de outro, investe na coletividade da autoria do texto do verbete a ser mobilizado. A manutenção ou o deslocamento dessa prática pode ocorrer a depender das questões impostas pelo/no próprio projeto. Seguindo em nossa apresentação, a leitura dispersiva é a última característica apresentada, a qual desloca a linearidade para impor, conforme Dias (2015), a visualidade. Relacionando ao Projeto, pode-se depreender diferentes funcionamentos da leitura a partir da questão de entrada do sujeito internauta ao arquivo: uma leitura geral, de primeiro acesso ao site, ou uma consulta a um verbete específico. Formas que, por sua vez, escapam à linearidade, uma vez que a leitura está intrincada à visualidade do site, à disposição dos verbetes. Retomando Dias (2015), o trabalho de leitura é realizado sob a imposição da dispersão constitutiva do arquivo.

Também entendemos que a constituição de um arquivo não precisa ser apartada das relações de afeto. Como nos traz Sousa (2021), é possível “operar com” o “conceito” de arquivo “em várias situações de pesquisa” (p. 113), por isso, consideramos nosso envolvimento (presente ou passado) com o Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS), coordenado, entre outros, pela professora Bethania Mariani (Universidade Federal Fluminense-UFF), para definirmos a sua tese, intitulada *O comunismo imaginário: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989)*, defendida em 1996 (e publicada em 1998), como o trabalho do qual selecionaríamos as primeiras noções a comparecer no *Inventário digital de termos e conceitos em discurso e mídia*, sendo elas: “equação linguística” e “narratividade”, conforme podemos verificar na imagem 1⁴.

Imagem1



⁴ O *Inventário digital de termos e conceitos em discurso e mídia* está disponibilizado no site do MiDi, do qual a imagem foi recortada <https://midia-uff.com.br/inventario-digital-de-termos-e-conceitos-em-discurso-e-midia/>. Acesso em: 23 dez. 2023.

Assim, nesse segundo movimento, empreendemos dois gestos de seleção do que participaria do Inventário: i) a tese de Mariani (1996) como o primeiro trabalho a ser lido e ii) as primeiras noções e conceitos mobilizados na tese a serem levantados e incluídos. Para além do afeto que interferiu em nosso processo de seleção, não desconsideramos o “jogo de forças” atuando “nas bordas do arquivo, **selecionando** o que pode ou deve entrar (Mittmann, 2015, p. 352, grifo nosso). Se por um lado, compreendemos nossa motivação, por outro, não percebemos como esse “jogo de forças” atuou, ainda que a sua presença seja incontestável, afinal, “não considerar os procedimentos de interrogação do arquivo como um instrumento neutro e independente [...] é se iludir sobre o” seu “efeito político e cultural...” (Pêcheux, 2014, p. 63).

O nosso próximo movimento diz respeito ao “trabalho de memória histórica” (Pêcheux, 2014, p. 59), já mencionado, de todo arquivo. Nosso Inventário não se propõe a ser um repositório de termos e noções selecionadas de dissertações e teses, mas um arquivo digital em que compareça o percurso que tais termos e noções fizeram e seguem fazendo em outros resultados de pesquisa. Seguimos, para tanto, o fio que liga e conduz diferentes trabalhos cujas noções, por exemplo, de “equação linguística” e “narratividade” foram mobilizadas. É um trabalho de pesquisa em constante movimento, em constante construção, pois

o arquivo não é coisa pronta, o arquivo é algo que se estabelece a partir da relação da história com a língua, de um determinado acontecimento dado a ver e a dizer com os sujeitos que estão capturados e interpelados pela ideologia na língua (Sousa, 2021, p. 113).

A noção de “equação linguística”, quando cunhada por Mariani (1996) em sua tese, designou uma relação de sentidos cujo funcionamento discursivo mais marcado é de equivalência. Considerando que sua pesquisa tratou de “práticas discursivas da imprensa sobre o PCB”, trouxe que “‘o comunismo é um inimigo’”. Trata-se da ‘equação linguística’ – ‘comunista = inimigo’ –, a qual fixa um ‘lugar do mal’ na história do Partido Comunista no Brasil” (Mariani, 1998, p. 18)⁵. Já na tese de Soares (2006), *A Homossexualidade e a AIDS no Imaginário de Revistas Semanais (1985-1990)*, a noção de “equação linguística” foi retomada para situar os gestos de leitura do autor acerca das evidências produzidas, por exemplo, nos discursos religioso e médico em torno do sujeito na posição homossexual, depreendendo a seguinte equação linguística: “homossexual = pervertido + promíscuo” (Soares, 2006, p. 49). Lunkes (2014), ao se referir ao “imaginário de felicidade”, em sua tese *O discurso sobre depressão na revista veja (1968-2010), em materialidades verbais e não-verbais: o triunfo dos efeitos de sentidos de medicalização*, mobiliza a noção de “equação linguística” para dizer da equivalência “ser feliz = ser saudável” e “sujeito melancólico=pecador”, entendidos como sentidos recorrentes em determinadas formações discursivas, conforme depreendido do *corpus* constituído da revista *Veja* ao longo de cinco décadas.

A noção de “narratividade”, apresentada na tese de Mariani (1996), se refere a “um mecanismo discursivo que, atuando junto à memória, possibilita a reorganização imaginária do acontecer histórico em suas repetições, resistências e rupturas” (1998, p. 106). Ao final de suas análises sobre o comunismo

⁵ Tanto trazemos citações diretamente da tese de Mariani de 1996, quanto do livro publicado em 1998.

imaginário, Mariani (1998, p. 230) retorna à noção de “narratividade” para explicar o modo como, nos jornais que constituíram o *corpus* de sua pesquisa, se dá “uma discursivização do cotidiano”, marcada por “dizeres que devem ser ditos/repetidos”, inscrevendo-se, assim, na memória discursiva, no caso: “uma longa narrativa, retransmitida ininterruptamente, que significa negativamente os comunistas”.

Ao retomar o percurso empreendido por Mariani (1998) em torno da proposição da noção de “narratividade”, Baalbaki (2012) destaca o modo como essa noção teórica funciona produzindo o efeito de linearidade histórica, estabilizando e homogeneizando sentidos, organizados em um presente, um passado e um futuro. Esse funcionamento se marca, por exemplo, nas análises acerca das imagens de criança, de cientista e de sua profissão, feitas por Baalbaki (2012) a partir de um *corpus* constituído por postagens da seção “Quando crescer, vou ser...”, da revista *Ciência Hoje das Crianças*.

Em 2017, Souza, Rangel, Alcântara, Siqueira retomam a noção de “narratividade” para refletir sobre as eleições municipais, de 2016, do Rio de Janeiro. Os autores entendem que os jornais cariocas *O Globo* e *Extra*, em seus discursos sobre as eleições formulados em manchetes, buscam criar uma linearidade narrativa política, ou seja, narrativizam os fatos expostos a fim de influenciar a opinião pública a respeito dos dois candidatos que disputavam o pleito em 2016: Marcelo Freixo e Marcelo Crivella.

Partimos assim do pressuposto que, ao organizar o Inventário Digital, precisamos considerar que “a construção de um arquivo não se dá sem o entrelaçamento com outros objetos” (Medeiros et al, 2021, p. 24)⁶ e, por isso, pautamos o processo de constituição do Inventário Digital no fio que enreda outros tantos espaços e tempos do dizer. Conforme verificamos, ao retomarem, em outras condições de produção, tanto a noção de “equação linguística” quanto a de “narratividade”, distintas pesquisadoras e pesquisadores a relacionam a outras materialidades linguísticas e, com isso, evidenciam que, apesar de mobilizarem a(s) mesma(s) noção(ões), o fazem diferentemente. Um arquivo, afinal,

comporta mais que um simples conjunto de documentos agrupados por uma lógica institucional. Ele direciona e interdita efeitos de sentidos, que se produzem pela inscrição da língua na história; e enquanto discurso, a sua leitura, por consequência, não pode prescindir de suas condições de produção (Dela-Silva; Lunkes, 2014, p. 137).

Nosso Inventário se coloca como um arquivo em construção, fruto de uma pesquisa em movimento, que nos impõe um não fechamento. Constituímos, portanto, conforme já afirmamos, um arquivo aberto. Isso se dá não apenas pelo fato de que, para além das dissertações e teses publicadas nas últimas décadas do século XX, novos trabalhos farão surgir novos termos e noções relativas ao discurso midiático, mas também porque futuros trabalhos retomarão as noções de “equação linguística” e “narratividade”, para mencionar apenas as duas que se apresentaram como os primeiros verbetes postos em circulação do “Inventário digital de termos e conceitos em discurso e mídia”.

⁶ Esta citação é fragmento de uma pergunta que se repete em outras nove entrevistas realizadas por outros entrevistados. Trazemos aqui o primeiro nome dos seis organizadores do livro.

Trazemos uma citação de Mariani (1998) ao conceituar “narratividade” para dizer de nosso Inventário como “um vasto arquivo”. Se na tese a autora se refere ao “discurso jornalístico-político sobre os comunistas”, aqui, nos referimos à vastidão de possibilidade de verbetes que podem comparecer no Inventário e à infinitude do fio que liga os trabalhos em torno de um mesmo termo ou de uma mesma noção.

Ao final de nosso Simpósio no SEAD, uma pergunta que nos foi dirigida, entre outras, tratava da contribuição desse Inventário Digital para a formação de novos pesquisadores em Análise do Discurso. Ousamos pensar que ao constituir, formular e fazer circular esse Inventário estaríamos contribuindo, de forma geral, para o arcabouço teórico em AD, especialmente nos estudos em mídia, mas que, ao reunir e divulgar no ciberespaço tais noções e termos, estaríamos facilitando o acesso a elas, pois o arquivo também impede “que todas as coisas ditas não se acumulem indefinidamente em uma massa amorfa” (Foucault, 2007, p. 147).

REFERÊNCIAS

- BAALBAKI, Angela Corrêa Ferreira. Análise discursiva de revista de divulgação científica: o lugar da memória do futuro. **Revista do GEL**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 46-66, 2012.
- DELA-SILVA, Silmara; LUNKES, Fernanda. E o casamento acabou: uma análise do arquivo de Veja sobre o imaginário da mulher divorciada. **Conexão Letras**, Porto Alegre/RS, v. 9, n. 11, p. 135-148, 2014.
- DIAS, C. Análise do discurso digital: sobre o arquivo e a constituição do corpus. **Estudos linguísticos**, São Paulo, v. 44, n. 3, p. 972-980, set./dez. 2015. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1030/611>. Acesso em: 28 dez. 2023.
- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro/RJ: Forense Universitária, 2007.
- LUNKES, Fernanda Luzia. **O discurso sobre depressão na Revista Veja (1968-2010) em materialidades verbais e não-verbais**: o triunfo dos efeitos de sentidos de medicalização. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - UFF, Niterói, 2014.
- MEDEIROS, Vanise; CAVALCANTE, André; MARQUES, Michel; SALDANHA, Milena; FREITAS, Ronaldo; PERINI, Rudá. **Experimentações em arquivo(s)**: entrevistas com pesquisadores de linguagem. Rio de Janeiro/RJ: Autografia, 2021.
- MITTMANN, Solange. O arquivo como gatilhos de movimentos de interpretação em torno da palavra luta. *In*: INDURSKY, Freda; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina; MITTMANN, Solange (org). **Análise do Discurso: dos fundamentos ao desdobramento (30 anos de Michel Pêcheux)** Campinas/SP: Mercado das Letras, 2015. p. 348-360.
- PAVEAU, Marie-Anne. **Les énoncés natifs du web**: analyse du discours des réseaux sociaux numériques (Twitter, Facebook, Pinterest). Campinas: Unicamp, 2014. Disponível em: <https://www.labeurb.unicamp.br/anexos/MAP-Conf.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2023.
- PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. *In*: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). **Gestos de leitura da história no discurso**. Campinas/SP : editora da Unicamp, 2014. p. 57-68.
- SOARES, A. S. F. **A homossexualidade e a AIDS no imaginário de revistas semanais (1985-1990)**. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - UFF, Niterói, 2006.
- SOUSA, Lucília Maria Abrahão. Arquivos em jogo no museu. *In*: MEDEIROS, Vanise; CAVALCANTE, André; MARQUES, Michel; SALDANHA, Milena; FREITAS, Ronaldo; PERINI, Rudá. **Experimentações em arquivo(s)**: entrevistas com pesquisadores de linguagem. Rio de Janeiro/RJ: Autografia, 2021. p. 107-120.